

**Transcrição da Escola de Comunidade com Julián Carrón
Milão, 25 de março de 2015**

*Texto de referência: L. Giussani, Por que a Igreja,
Ed. Companhia Ilimitada, São Paulo 2015, pp. 51-101.*

- *Inno delle scolte di Assisi*
- *Negra sombra*

Carrón: Há muitos anos, em um dia como hoje, começou aquela irrupção na história que torna possível ao homem ser unido. É preciso a simplicidade de coração de Nossa Senhora para poder ver que isso é possível, que tudo se torna pleno da Sua presença.

Angelus

Tínhamos dado como texto de trabalho, o terceiro capítulo de *Por que a Igreja*, onde Dom Giussani nos ajuda a entender qual é a origem da nossa dificuldade para compreender o significado das palavras cristãs, oferecendo-nos uma hipótese. Por que temos essa dificuldade? Por que muitas tantas vezes sentimos essa estranheza? A origem é uma “falta de sintonia original” (p. 51) com aquilo que queremos conhecer. E dá o exemplo dos alpinistas que já estão cansados antes de começar a escalada. Por isso, pelo fato de termos nascido em um contexto histórico assim, é preciso muita paciência para aceitar fazer um caminho que nos permita não nos rendermos, dizendo: “Não é possível!”. Nesse período ocorreu o evento de Roma, o encontro com o Papa Francisco, do qual todos nós participamos, de um modo ou de outro – a maioria de nós estava presente na Praça –. Tendo participado do evento, tendo feito essa experiência, cada um tem a possibilidade de ver o que aconteceu. Um gesto assim não nos desvia da Escola de Comunidade, ao contrário, torna-se um teste para entender de que modo nos fez vencer a estranheza da qual Dom Giussani fala. Não é que de um lado está a Escola de Comunidade e do outro o gesto de Roma, como se não fosse nada. Começamos o nosso trabalho.

Colocação: *Ficou um pouco mais claro para mim o que quer dizer o colapso das evidências, no sentido de que, para mim, essa expressão assume cotidianamente o significado de perder de vista a verdade das coisas, perder de vista o ponto. Diante do que me acontece todos os dias, corro um pouco o risco de deixar prevalecer uma interpretação minha dos fatos, filtrada pelo sentimento, pelo humor, por aquilo que penso, a tal ponto de não saber mais distinguir muito a verdade das coisas em sua concretude da minha interpretação. Como posso dar-me conta desse caos? Na maioria das vezes não me sinto contente, as contas não fecham. Então, o meu interesse não é ter razão ou ter uma confirmação daquilo que penso, mas é encontrar algo que me salve, porque as coisas, como as vejo, não são suficientes. Em relação a isso, me lembrava da canção de Chieffo: “Mas que amargura, meu amor / ver as coisas como as vejo”. Quer dizer: não bastam. Então, a minha pergunta é: como é possível sair desse equívoco? Porque é claro que eu não posso renunciar ao contragolpe que as coisas inevitavelmente suscitam em mim, porém, percebo que na maioria das vezes o meu juízo é limitado e não leva tudo em conta.*

Carrón: O gesto de Roma contribuiu de algum modo, lhe sugeriu algo? Você fez alguma experiência que tenha ajudado a entender o que pode fazer você sair desse equívoco?

Colocação: *Sim: que existe um ponto objetivo que eu posso voltar a olhar.*

Carrón: E qual é o ponto objetivo para o qual você pode olhar para não ficar presa de novo numa avalanche de interpretações?

Colocação: *No caso de Roma foi evidente, porque estávamos diante do Papa que nos indicou...*

Carrón: Mas não é suficiente, porque muitos participaram e cada um pensou uma coisa. Se nem mesmo um gesto tão importante nos salva das interpretações, o que é preciso? Olhe para o que lhe aconteceu, porque é isso o que nos ajuda a entender.

Colocação: *Reli o capítulo da Escola de Comunidade com uma pergunta um pouco diferente. Conheço muito bem este capítulo, por ter muitas vezes tentado compreender o nosso contexto cultural; mas, nestas semanas o reli com uma pergunta mais pessoal, que exprimiria assim: tentei entender onde e como se insinua em mim aquela marginalização de Deus da vida que marca a passagem da Idade Média – diz o capítulo: Deus tem a ver com tudo – na época moderna, caracterizada pela dificuldade de considerar o religioso como determinante de tudo. A pergunta é: onde vejo essa alternativa em mim e em nós que, muitas vezes, vamos à missa todos os dias, começamos as refeições com o sinal da cruz, etc, que temos muitas ajudas? Parece-me que na minha vida, existencialmente, se insinua um verdadeiro e próprio ateísmo prático, nunca teorizado, quando o meu relacionamento com a realidade e com as pessoas é governado por um planejamento, em vez de ser vivido como resposta a algo que acontece. Na minha vida, vejo uma alternativa clara entre pensar no meu tempo e na minha ação como projeto ou como resposta. É o projeto que tende a anular completamente o Mistério, porque no fim das contas sobrepõe à realidade, e sobretudo às pessoas, algo que, nas minhas intenções, pode até ser bom, mas que força os dados da realidade (sente-se uma inadequação) e a liberdade das pessoas. Esse, para mim, talvez seja o maior sintoma do meu distanciamento do Mistério, que revela uma concepção de mim mesma autossuficiente, presunçosa, que visa ao êxito e ao sucesso não só no âmbito profissional ou afetivo, mas, paradoxalmente, também no âmbito religioso. Muitas vezes surpreendi em mim que esse projeto chega ao paradoxo de tentar imaginar como fazer acontecer um milagre ou alguma coisa que salve alguém que é importante para mim. Esse projeto é, inevitável e inexoravelmente, na minha vida, a maior fonte de amargura e de ressentimento ou, pelo menos, de decepção. Quando vejo uma alternativa completamente diferente, percebo sempre que são dias ou momentos que tendem a surpreender e favorecer os sinais daquilo que acontece, a segui-los, às vezes com entusiasmo, com ímpeto, também com uma certa audácia. É seguir algo que aconteceu antes. No fundo, quando é assim, percebo que domina um olhar propício a perceber uma Presença que sei que existe. E essa alternativa entre o projeto e a resposta, entre projeto e sinal, não acontece apenas nos grandes momentos da vida, eu percebo que se insinua em todos os níveis do cotidiano, no trabalho, nos relacionamentos familiares, com os amigos, no modo de pensar nas férias, também no modo de tomar uma decisão banal; e vejo que nessa alternativa se joga toda a possibilidade de letícia e de fecundidade. Parece-me que, talvez, o maior aliado que pode me provocar àquela posição que sei ser mais favorável é, paradoxalmente, aquilo que não gostaria de perceber, quer dizer, uma consciência viva do meu limite e ousar dizer, também – ousar dizer porque o Papa disse – do meu mal.*

Carrón: Por quê?

Colocação: *Porque me remete a mim mesma, restitui um olhar real sobre mim, e não uma projeção ou uma imagem que eu sigo de mim mesma; porque, no meu verdadeiro eu há essa experiência do limite e do mal.*

Carrón: Como isso ajudou você a viver o gesto de Roma?

Colocação: *Esse foi, para mim, um ponto absolutamente decisivo. Porque cheguei lá com a percepção de uma inadequação particularmente aguda. E diante disso, ouvir o modo como o Papa falou da misericórdia e do pecado – se não me engano, disse: lugar privilegiado do encontro – foi uma coisa que literalmente me escancarou novamente a um desejo grande e me reabriu a tender e buscar aquilo que, ali, achei particularmente correspondente.*

Colocação: *Escrevi para você porque realmente senti necessidade, e ainda sinto. E esse já é um ponto que, para mim, não é óbvio, porque ultimamente, diria que desde o Natal, sinto-me muito bloqueada em relação às coisas e pelas coisas, por aquilo que faço e por aquilo que me acontece. Parece que não tenho mais exigências, não tenho mais sede, mais fome, parece que vivo*

insipidamente uma vida que, por si, não é insípida, mas não sinto a necessidade do sal. Sinto que o meu modo de estar diante da realidade é débil, não é frutífero, às vezes não é verdadeiro. Ou é violento, quer dizer, tenta agarrar o máximo possível com todos meios, ou é vazio. Parece que nada mais consegue me comover.

No terceiro capítulo, terceiro ponto, terceiro item, fala-se do humanista e da sua concepção de um Deus que não tem mais a ver com a totalidade da realidade. Leio um trecho: “O interesse pelo qual vale a pena viver não tem mais a ver com Deus, já que não é mais por Deus que os desejos e juízos são unificados” (p. 67). Quando li isso, senti um sobressalto porque é exatamente aquilo em que estou me tornando. E essa é uma posição que introduz a parcialidade da realidade, com a consequente desarticulação e abstração de Deus. Portanto, posso afirmar que é, decisivamente, a descrição de mim mesmo. Eu carregava aquilo que o Natal tinha sido para mim, com os gestos dos quais participei, as coisas que fiz, e viver de maneira grande e viva a Encarnação realmente tinha feito eu me sentir pleno e grato.

Porém, depois, tudo isso como que desapareceu. Percebi que aquela plenitude tão verdadeira e grande não repercutia mais em mim. Não restava mais nada daquilo que tinha vivido, de bom e de ruim, eu comecei a me deixar levar pelas coisas que fazia, ainda deixo-me levar pelas coisas que faço. Mas, outro dia, conversando com um padre, ele me dizia: “Tudo isso se deve ao fato de que você perdeu o ponto focal, o centro, você perdeu o amor entendido como objeto do amar”. É verdade, não tenho mais um centro, algo pelo qual valha a pena viver as coisas que faço. E descobri, sobretudo depois do Natal, que fazer as coisas por alguém é a chave para gozá-las realmente. E essa falta me tira dos trilhos. Por isso, a pergunta radical que quero lhe fazer é esta: como faço, fraco como sou, para me recolocar no ponto? Como posso voltar a dizer: para mim, viver é Cristo? Estou bastante convencido de que desse modo se vive melhor e com o cêntuplo no bolso. Mas esse meu “humanismo” do qual fala o texto da Escola de Comunidade não me abandona, ou, sou eu que não o quero abandonar.

Carrón: E existe algo na sua experiência que lhe dá alguma sugestão para responder à sua pergunta?

Colocação: *Houve muitos momentos, realmente muitos, em que me sentia mais como no Natal, sentia-me pleno, agradecido. E dizia a mim mesmo: encontrei o que procurava, melhor, encontrei aquilo que procuro. Porém, era uma coisa, não digo passageira... Às vezes, porém, me desviava porque me atinha a mim mesmo e pensava em mim.*

Carrón: E o que isso o faz entender de você mesmo?

Colocação: *Que eu preciso sempre de um ponto.*

Carrón: É isso que nos impressiona! Porque muitas vezes pensamos que o encontro cristão resolva tudo de uma vez por todas e, depois, a pessoa se vê, de novo – como você diz –, diante de um monte de pedaços que não consegue juntar.

Colocação: *Exatamente.*

Carrón: Por que acontece essa desagregação?

Colocação: *Acontece por uma falta de empenho com o real. Leio um trecho do livro, que me surpreendeu: “A origem do enfraquecimento de uma mentalidade orgânica no que diz respeito ao problema religioso está em uma possibilidade permanente da alma humana, em uma triste possibilidade de falta de empenho autêntico, de interesse e de curiosidade pelo real total” (p.62). E, pouco antes, diz: “A vida é uma trama de acontecimentos e de encontros que provocam a consciência gerando nela problemas em variada medida. O problema é a expressão dinâmica de uma reação frente aos encontros provocantes. E o significado da vida – ou das coisas pertinentes e importantes da vida – é uma meta possível somente para quem está empenhado com a problemática total da própria vida” (p. 60). Portanto, é exatamente uma falta de empenho com o real. E é isso que percebo – primeiro – nas minhas ações, na realidade. Mas é o que percebo, incredivelmente, sobretudo na caritativa que fazemos – ajudamos pessoas a encontrarem trabalho –, porque uma pessoa que perde o emprego, antes mesmo do grande drama que é a falta do salário, perde essa conexão com o real. E isso paralisa a pessoa, tanto é que a primeira ajuda é*

reconectá-la com a realidade, fazendo-a trabalhar até mesmo grátis meio período. Um mês atrás, conhecemos um rapaz (de 21 anos) que estava desempregado há seis meses. Estava bloqueado, parado. Eu disse a ele: “Olha, é preciso voltar a se empenhar com a realidade, porque se não nos empenharmos não nos movemos mais”. E ele me disse: “Você tem razão! Eu tenho uma grande paixão pela música, componho e toco, mas desde que perdi o emprego, mesmo tendo todo o tempo à minha disposição, não componho e não toco mais”. Voltamos a nos falar três semanas depois, liguei para saber como estava, e ele me disse: “Encontrei um trabalho. Voltei a tocar”.

Carrón: Você me contou também sobre aquele pedreiro que não conseguia ficar sem trabalhar. Tinha acontecido um tumulto na empresa e, por isso, os funcionários não foram pagos, então, enquanto todos os outros faziam greve havia um que, depois do que lhe aconteceu conhecendo vocês, continuava trabalhando. E foi assim durante dias. Até que chegou um ponto do trabalho em que ele não tinha competência técnica. Então, procurou um colega especialista na área (que fazia greve junto com os outros) para pedir uma orientação. E ele lhe disse: “Deixe-me entender: por que você está trabalhando?”. “Aconteceu-me algo pelo qual não posso parar de trabalhar, não posso ficar aqui sem fazer nada. Você pode me ajudar a resolver essa questão técnica?”. A conversa termina ali. No dia seguinte, o pedreiro chega para trabalhar, como sempre, e encontra esse seu colega especialista, que começa a trabalhar com ele, dizendo: “Em quarenta anos, nunca vim trabalhar tão contente!”. O que une e desperta um eu dessa forma? Não um esforço titânico, mas aquilo que o Papa nos disse em Roma – e que devemos guardar com carinho para começar a entender aquilo que acontece –: a moral não é fruto de um esforço, mas a resposta comovida a algo que acontece. Imaginem: o que desencadeou no colega que estava em greve esse empenho curioso com a realidade? Ver alguém que trabalhava. Imaginem que luta interior todos aqueles dias, diante de alguém que trabalhava apesar da greve: “E este?”, “E este?”, “E este?”. É esse empenho curioso com a realidade que, a um certo ponto, fez com que ele dissesse: “Deixe-me entender: como você pode continuar trabalhando?”. E o outro não pôde deixar de dizer o que lhe tinha acontecido no encontro com Cristo, para que ele despertasse e pudesse acompanhá-lo naquele empenho com o real total e a vida pudesse tornar-se assim plena. Essa unidade nasce exatamente nesse nível. Por isso, é preciso ter presente todos os fatores para poder perceber de onde vem essa possibilidade de unidade do eu que todos queremos. Então, verdadeiramente, podemos começar a entender, porque esse é um desejo de todos, não é preciso, como às vezes pensamos, forçar as pessoas. Uma pessoa me escreveu dizendo que, às vezes, quando alguém não percebe como ela a verdade das coisas, lhe vem a vontade de dobrar a liberdade do outro: “Às vezes não amo a liberdade do outro, gostaria de dobrá-la diante daquilo que percebo como verdadeiro. Como é possível amar o outro como é, mesmo quando não reconhece como verdadeiro aquilo que é verdadeiro para mim, e amar a verdade inteira?”. Como é possível desafiar a liberdade do outro sem dobrá-la?

Colocação: *Lembro de um menino do primeiro ano que estuda na minha universidade, e que vem da Sicília, como eu. Faço o quarto ano, aqui em Milão. Enquanto estudávamos juntos ele me contou um pouco como estava vivendo; em particular, tinha dificuldade porque todos os familiares e amigos moram na Sicília, e ele mora em um apartamento com outros rapazes. Brigou com um deles e pararam de se falar. No relacionamento conosco – estudamos, comemos, ficamos juntos – aos poucos começou a mudar: surpreendia-se com tudo, surpreendia-se com o modo como fazemos as refeições, como estudamos, como estamos juntos. Então, depois de um tempo, eu lhe disse: “Quer vir a Roma conosco para o encontro com o Papa?”. Imediatamente, respondeu que sim. No ônibus, durante a viagem, me disse: “Olha, preciso lhe contar uma coisa que me aconteceu ontem [eu o tinha convidado e ele veio à Escola de Comunidade]. Nesse período, vendo a maneira como vocês vivem, o modo como gostei de me preparar para o exame estando com vocês... Você é o único que eu conheço bem, porém, é como se todos gostassem de mim, sinto-me acolhido como em uma família, nunca vi uma coisa assim. Vendo o modo como vocês estão juntos, no dia seguinte à Escola de Comunidade, voltei à noite para casa e esperei o cara com quem tinha brigado para lhe perguntar como estava. Na geladeira, cada um tem seu espaço para colocar as próprias coisas. Eu tinha um pedaço de salmão que estava perto do prazo de validade, então disse a mim mesmo:*

poderia dividi-lo com ele”. E sentaram-se frente a frente para comer juntos pela primeira vez. Quando chegamos à Praça, antes mesmo de o Papa falar, quando Dom Gius falou – no vídeo – sobre a volta de André para casa, comecei a chorar porque, olhando para esse amigo, pensei: a mesma coisa que aconteceu dois mil anos atrás aconteceu a mim e a ele. Quando Dom Gius disse: “Sem muitas sutilezas, isso aconteceu”, lembrei-me do episódio que acabei de contar: a mesma casa, os mesmos jovens, porém ele voltou da Escola de Comunidade de tal forma pleno que começou a falar com seu colega de apartamento com o qual tinha quase saído no braço. Depois de Roma, fui a Nápoles; voltei a Milão três dias depois, e todos os meus colegas de curso me perguntavam: “Como foi em Roma?”? Mas, como? Eu não tinha falado com eles sobre isso, a não ser com aquele meu novo amigo. E era exatamente ele que tinha falado com todos naqueles dois dias! E, assim que me viu, me pediu um exemplar de Passos. Antes de ontem estávamos jantando com nossos colegas de curso. A hora do Angelus se aproximava: e agora, como faço para dizer aos outros colegas, que preciso sair para rezar? Num determinado momento, aquele rapaz se levantou, olhou para eles e disse: “Meninos, vou fazer uma oração com ele, vocês vêm?”. Falando sobre o colapso das evidências, quando olho para esse novo amigo dou-me conta novamente de todas as evidências que eu considero óbvias.

Carrón: E, segundo você, por que esse rapaz pôde identificar tão claramente aquela diversidade que vocês viviam? Porque, em todas as coisas que vivemos fazemos a verificação daquilo que estamos lendo nesses capítulos. O que fez com que ele reconhecesse a vida que é a Igreja através do modo como vocês comiam, estudavam, viviam?

Colocação: *Em minha opinião – se penso também em mim –, foi pelo fato de sentir uma necessidade.*

Carrón: A necessidade! Tal e qual afirma, literalmente, Giussani. Não é que esse amigo tenha pensado na necessidade, mas exatamente a necessidade o fez interceptar a vida! Pela necessidade que tinha, imediatamente identificou a resposta. E como é possível ver isso? Através daquilo que mudou nele, que não foi o êxito de um treinamento, de um esforço – aqui está, de novo, qual é a origem da moral –. É isso o que, agora, precisamos tentar reconhecer na experiência: quais fatos acontecem entre nós que nos ajudam a entender as palavras que o Papa nos disse, não como um discurso abstrato, mas como estupor diante daquilo que acontece. Porque, que a um rapaz, depois de meses que não fala com alguém com quem mora, venha a vontade louca de esperá-lo para jantarem juntos, de onde nasce esse desejo se não da resposta comovida àquilo que lhe aconteceu? E assim por diante. Essa unidade, que não é só unidade do eu, mas também unidade com os outros, de onde nasce? É um esforço? É algo que nós geramos estando de acordo uns com os outros? Nós também fazemos o mesmo tipo de experiência que fizeram os dois apóstolos que, afastando-se d’Ele, “despedem-se sem se despedir” porque “têm” a mesma coisa. É isso o que nos permite entender.

Colocação: *Depois que voltei de Roma, comecei a me perder em mil análises sobre aquilo que tinha entendido ou não do discurso do Papa.*

Carrón: E o que salvou você da avalanche de análises, do racionalismo das interpretações?

Colocação: *Esta mensagem que uma pessoa que não é do Movimento e que convidamos para ir a Roma conosco, me escreveu alguns dias depois: “É estranha a vida. A pessoa se arranja como pode e, depois, termina em Roma com pessoas verdadeiras e recebe delas uma carga de pilha de lítio. Depois, volta para casa e essa carga não acaba. É a primeira vez para mim. Normalmente, era como uma injeção de antibiótico que atenuava a dor, mas a doença era crônica e, depois, voltava. Obrigado”. Isso, além de me comover, me fez entender melhor também o que o Papa disse no início: “Tudo, na nossa vida, tanto hoje como no tempo de Jesus, começa com um encontro”.*

Carrón: Um encontro que não é simplesmente algo que atenua a dor. Por isso, quando, entre nós, buscamos só o paliativo, isso é muito pouco. A questão é encontrar uma plenitude que não se perca mais.

Colocação: *Estou cursando a universidade, e queria contar a descoberta que fiz graças ao encontro com o Papa. Não fui a Roma porque meus pais não me deixaram ir. Quando meus amigos*

me convidaram, questionei muito por que deveria ir, se valia realmente a pena, porque não me parecia justo ir sem ter certeza. Depois que li a sua carta e depois de ter confrontado com amigos, entendi que seria realmente importante para mim, ir e participar da Audiência, pois representava de maneira totalizante o encontro que fiz com o Movimento, na universidade. Certa das minhas motivações, decidi falar com meus pais que, sem escutar e levar a sério minhas palavras, me proibiram de ir. Apesar da minha insistência, as justificativas de meu pai eram: “Você tem muitos compromissos. Não pode fazer sempre tudo. Precisa fazer escolhas. Fica muito pouco em casa. Não existe só o Movimento”. Triste e decepcionada, vivi os dias seguintes até o dia do encontro sufocando nesse clima, não conseguindo convencer meus pais e vendo todos os meus amigos se preparando para ir a Roma. Na manhã do encontro, como precisava sair de casa, perguntei a meu pai se podia gravar o evento. Quando voltei para casa ele estava na frente da televisão, que ainda transmitia a última parte da Audiência. Pouco depois, se aproximou de mim e falou: “Sabe, estou um pouco arrependido de tê-la proibido de ir”. Espantada com o que ele disse, depois de um momento de embaraço, lhe perguntei o motivo e ele respondeu: “Vi o encontro pela televisão. O Papa disse coisas realmente bonitas. Eu gostaria que minha filha estivesse lá. Queria pedir desculpas. Sinto muito”. Fiquei tão espantada e impressionada que não consegui dizer uma palavra! Porque meu pai nunca tinha me pedido desculpa por alguma escolha que tivesse feito para mim, dando-se conta de tal modo da importância daquele gesto, a ponto de se tornar verdadeiro e humano até o fundo em relação às minhas questões. Mais tarde, vi a gravação do encontro e meu pai quis rever e comentar comigo. Foi um momento muito significativo para mim, porque fez-me perceber o valor da Audiência com o Papa, mesmo não tendo ido. Portanto, para mim, paradoxal e inesperadamente, Roma significou dar um passo fundamental em casa no relacionamento com meu pai, que já vejo crescer diante dos meus olhos.

Carrón: Obrigado. É impressionante, porque até uma coisa que aparentemente pode parecer contra nós torna-se parte do acontecimento porque, como diz o capítulo terceiro, “não cai uma folha sem que Deus queira” (p. 54). Não sabemos *a priori* como Deus poderá usar também dessa circunstância (não poderemos realizar um desejo nosso) para acontecer de modo diferente do que imaginamos. E essa é a modalidade através da qual nós vemos quem é Deus, descobrindo a sua pertinência com todos os aspectos da vida. Se queremos eliminar algo da realidade, das circunstâncias da vida, então, nos bloqueamos constantemente porque não estamos disponíveis à modalidade com a qual Deus poderá nos surpreender mostrando Quem é. Somos bobos, porque quando não vemos que Deus pode usar uma certa circunstância, então queremos excluí-la porque pensamos que não tem a ver; depois, num determinado momento, descobrimos que tem a ver, e como! Amiga, essa é a modalidade com a qual o Mistério lhe deu novamente aquilo que você pensava que tinha lhe tirado.

Colocação: *Assim como você, fui ao encontro com o Papa mendicante da grande Presença, concreta, tão concreta como um filho que encontra um pai. E, sob certo ponto de vista, fui ajudado nisso porque estou vivendo um problema sério e, portanto, ir a um encontro de massa para celebrar não me bastava.*

Carrón: Nem a mim!

Colocação: *Por outro lado, vi como era importante para você ir ao encontro com o Papa, então, confiei. Agora, não quero virar a página, como dizendo: voltemos à Escola de Comunidade, Roma passou, como que fechando um parêntese. Não quero perder o contragolpe das palavras que o Papa nos disse. Por isso, fiz uma certa releitura sem me poupar e sem poupar você. Queria saber o que você entendeu quando o Papa nos disse para nos descentrarmos do carisma e nos centrarmos em Cristo, e como isso não contradiz o que sempre nos dizemos: identificar-se com o carisma. Porque na minha vida, o carisma de Giussani, que continua na companhia do Movimento e com você, é a mão de Jesus que me toca pessoalmente. Sinceramente não tenho outra via mais direta para chegar a Jesus a não ser identificar-me com o carisma. Não sei se você entendeu, ou se há contradição.*

Carrón: Respondendo a essa pergunta, posso sintetizar o que vivemos juntos. Fomos a Roma para fazer ao Papa uma pergunta: como não perder o frescor do carisma? É a pergunta que o Papa fez no

Encontro com os Movimentos, e é a urgência maior. E como o Papa respondeu a essa nossa questão? Para mim – já que perguntou o que aconteceu comigo – ele não respondeu só com as palavras: Cristo nos respondeu através daquilo que fez acontecer. E cada um deve olhar para o que aconteceu ali, porque não estávamos na Praça sozinhos, não, cada um de nós estava presente pessoalmente e juntos, participando de um gesto. Então: o que aconteceu? Ali, cada um de nós fez a verificação. Primeiro, uma colocação contava sobre um jovem que pôde reconhecer o que lhe tinha acontecido através da natureza da necessidade que tinha. Na Praça São Pedro, cada um de nós pôde surpreender-se reconhecendo com que necessidade foi até lá (não a imagem da necessidade que tinha, mas a necessidade real, com a disponibilidade do coração!); e pôde ver o que aconteceu. De fato, podemos participar de um gesto e não ver nada. Que é exatamente o que está escrito no início de *Por que a Igreja*. Não basta ver uma vida como a Igreja para reconhecê-la; a dificuldade que temos – diz Giussani – é que, se falta uma abertura, se falta o senso religioso, nós não entendemos, não conseguimos perceber aquilo que acontece. Portanto, diante de um gesto como a Audiência, todos nós acabamos percebendo uma ou outra das três posturas que estudamos no segundo capítulo da Escola de Comunidade. Há quem ficou preso na avalanche de opiniões, ou seja, não viveu algo verdadeiramente significativo que tenha se sobreposto às interpretações. Há quem percebeu um calor sentimental que, porém, foi colocado em risco assim que os jornais deram suas interpretações –, como me diziam alguns amigos quando estive no Brasil: no dia seguinte, vendo os jornais, apesar da experiência que tinham feito, pensavam que o único modo para conservar aquele intimismo caloroso fosse recusar-se a ler o jornais! –. E, por fim, há quem participou de um evento integralmente humano, pelo qual foi libertado do próprio racionalismo, da própria medida, da própria interpretação, e nada pôde eliminar o contragolpe daquilo que tinha acontecido, tanto que dura ainda hoje. Cada um de nós fez uma experiência em Roma, e a verificação dessa experiência é o que aconteceu depois, inclusive na maneira de enfrentar as diversas interpretações de uns e de outros, tanto dos “de dentro” como dos “de fora” (porque não há diferença, não há “dentro” e “fora”, de certo modo). O cego de nascença viveu um evento, e não é que Jesus tenha ficado com ele depois do milagre: “Agora fico com você porque, assim, podemos enfrentar juntos a luta contra os fariseus que virão aqui insistir com suas interpretações”. Não, Jesus o curou, o fez viver uma experiência graças à qual podia não ficar preso às interpretações ou na conservação intimista do conforto experimentado; lançou-o na multidão e foi embora: “Você tem tudo de que precisa para enfrentar qualquer coisa”. Cada um de nós deve olhar para o que aconteceu: se ficou confuso, se ficou preso, ou se, como o cego de nascença, todas as dificuldades, todos os desafios que precisou enfrentar, realmente o convenceram mais daquilo que tinha lhe acontecido: “Eu não preciso de outra coisa além do que me aconteceu”. Ao cego de nascença bastou uma lealdade simples com aquilo que Aquele homem lhe fez: “Antes eu não via, agora, vejo”. E nada conseguiu demovê-lo dessa evidência. Então, quando cada um é desafiado pelo trabalho ou por problemas vários, por uma interpretação ou pelas dificuldades da vida, deve ver se lhe aconteceu como ao cego de nascença. Verificamos o que realmente aconteceu em Roma, não só voltando à experiência vivida ali, mas também em tudo aquilo que acontece depois, que nos faz entender ainda mais o que aconteceu. É todo um processo de compreensão do que aconteceu em Roma que nos levará nos próximos tempos a poder apreendê-lo em toda a sua profundidade. Porque quando alguém tem clara a sua necessidade, não se confunde em relação ao que é importante. Pessoalmente, só o fato de ter ouvido falar novamente de Cristo como fez o Papa, de tê-Lo visto reacontecer em mim em relação à minha necessidade, em relação ao meu mal, à minha insuficiência, deixou-me tão grato, tão contente que foi exatamente o reacontecer da libertação – é o encontro que nos liberta – das minhas preocupações, do meu racionalismo, do meu modo de olhar para mim e para a realidade. Por outro lado, há quem, um instante depois do final do gesto, já estava preso às interpretações. Como podemos entender o que aconteceu? Basta que cada um faça uma comparação daquilo que viveu com o paradigma do encontro. E qual é o paradigma do encontro que Dom Giussani sempre nos mostrou (como também fez o Papa no dia 7 de março)? Leiamos: “Imaginem aqueles dois que o estão ouvindo há algumas horas e, depois, precisam voltar para casa. Ele os despede e ficam calados [primeiro sinal que todos podem verificar: o que nos deixa calados?]. Calados porque invadidos

pela impressão que tiveram do Mistério sentido, pressentido, sentido [invadidos: segundo sinal]. E, depois, se separam: cada um vai para sua casa [como nós, começamos a nos despedir uns dos outros e tomamos o trem para ir para casa]. Não se despedem, não porque não costumam se despedir, mas se despedem de outro modo, despedem-se sem se despedir, porque estão plenos da mesma coisa [terceiro sinal], eles dois são uma coisa só de tanto que estão plenos da mesma coisa [não porque estão juntos; cada um se separa, vai para sua casa, mas não podem ir para casa sem estarem plenos da mesma coisa, permanecem juntos embora cada um vá para sua casa porque compartilham a coisa mais querida]. André entra em casa e tira o casaco, e a mulher lhe diz: “André, o que você tem? Está diferente [quarto sinal], o que lhe aconteceu? [Assim como o nosso novo amigo: “O que aconteceu com você? Quase saímos no braço, não nos falamos há um mês... Por que me esperou para jantarmos juntos e me perguntar como estou?”]”. Imaginem ele caindo no choro enquanto abraçava a esposa, que, impressionada com isso, continuava perguntando: “O que você tem?”. E ele aperta sua mulher, que nunca tinha se sentido abraçada assim em sua vida: era outro [quinto sinal]. Era outro! Era ele, mas era outro. Se tivessem lhe perguntado: ‘Quem é você?’, teria dito: ‘Entendo que me tornei outro’ ”. (L. Giussani, *O tempo e o templo. Deus e o homem*, Bur, Milão 2014, p. 48). Cada um pode ver o que aconteceu. Esse é o termo de comparação. Esse é o carisma! Em Roma, o carisma aconteceu de novo? Como aconteceu? Porque cada um, qualquer que seja a modalidade com a qual chegou lá, se estava disponível, foi descentrado das preocupações que tinha, dos mal-entendidos, das armadilhas e foi tomado novamente por Cristo. Então, é com isso nos olhos que devemos reler o texto do Papa para entender o que significa “descentrar-se”, como nos ensinou sempre a Escola de Comunidade, como sempre nos dissemos: “*In manibus nostris sunt codices, in oculis nostris facta*” (Santo Agostinho, *Sermo sancti Augustini cum pagani ingrederentur*), nos nossos olhos os fatos, em nossas mãos os códigos, isto é, os textos. Vamos ler desse modo o que o Papa nos diz, para poder entender, para não colocar em contraste coisas que absolutamente não estão em contraste, porque Cristo fez acontecer antes aquilo de que, depois, precisamos verdadeiramente dar-mos conta. Entendem que se não reacontece isso, nós não nos descentramos? É preciso que reaconteça constantemente. Que é exatamente aquilo que Giussani sempre fez conosco, porque muitas vezes nós, embora vivendo o carisma – não porque tivéssemos ido embora, mas vivendo o carisma! –, nos desviamos. Dizia, em 1982: “Na outra noite, numa reunião em Milão [já citei isso nos Exercícios da Fraternidade de 2013], eu observava que, dos últimos quinze anos para cá [não dois dias atrás!] [...], todo o esforço de atividade associativa, operativa, caritativa, cultural [etc] [...] teve como objetivo o de mobilizar a nós mesmos e as coisas [e isso assumiu o controle] [...]. Mas, no início [...] não foi assim [todos estávamos ali, vivendo o carisma, mas Dom Giussani nos diz: ‘No início não foi assim’] [...], no início [...] não se construía sobre os valores que Cristo nos trouxe, mas se construía sobre Cristo, ingenuamente, como quiserem, [se construía sobre] [...] o fato de Cristo e, por isso, sobre o fato do Seu corpo [...], a Igreja. No início se construía, se tentava construir sobre algo que estava acontecendo [...] [e] essa era uma posição pura. [...] Para tê-la como abandonado, tendo nos confirmado em uma posição que foi, antes de mais nada, diria, uma ‘tradução cultural’ mais do que o entusiasmo por uma Presença, nós [exatamente porque nos desviamos] não conhecemos [...] Cristo” (*L’opera del movimento. La Fraternità di Comunione e Liberazione*, San Paolo, Cinisello Balsamo-Mi 2002, pp. 100-101). Ainda bem que Giussani, fazendo isso acontecer diante de nós – e me parece que Giussani entendia alguma coisa do carisma! –, não nos permitiu perder o carisma pelo caminho (o Papa foi até muito brando em relação a Giussani, percebem?). Ajudou-nos a fazer novamente experiência do carisma, fazendo-o acontecer segundo a sua natureza, que é o acontecimento cristão. Giussani constantemente nos colocava isso, e constantemente nos ajudou a não nos afastarmos disso, ajudou-nos a nos descentrar de tudo o que prevalecia, como fez Jesus desde o início. Quando Jesus envia os discípulos em missão (não para cometerem roubos) e estes voltam contentes por aquilo que fizeram, ele lhes diz: “Não vos alegrais por isso, porque isso não serve para viver. Alegrai-vos mais pelo fato de vossos nomes estarem escritos no Céu”. Jesus os descentra constantemente. Podemos perceber toda a vida de Jesus com os discípulos como um descentramento constante, até o final, quando o Evangelho está para terminar: “Pedro, tu me amas?”, “Sim”, “Então, segue-me”. Ele começa a

seguir-lo e, no último minuto, Pedro diz: “E João, que nos segue, o que será dele?”, “Deixa, descentra-te e segue-Me!”. É isso que temos diante de nós agora para poder descobrir, não simplesmente raciocinando, mas através do testemunho recíproco, através daquilo que acontece, daquilo que nos toca, daquilo que Ele continua a operar no meio de nós para nos ajudar a entender. É uma hipótese de trabalho a ser verificada, uma surpresa a ser descoberta, pessoalmente e juntos. Voltaremos a isso nos Exercícios da Fraternidade.

Avisos:

A próxima Escola de Comunidade acontecerá quarta-feira, 20 de maio, às 21h30. Pularemos o mês de abril porque acontecerão os Exercícios da Fraternidade. Começaremos a trabalhar sobre a Introdução. Até os Exercícios continuaremos no terceiro capítulo da Escola de Comunidade. Não são duas coisas separadas. Vimos como o gesto do Papa ajuda a entender o texto da Escola de Comunidade e como a Escola de Comunidade nos ajuda a entender o gesto com o Papa.

Panfleto com o texto do Papa Francisco. Fizemos um panfleto com o texto do discurso do Papa Francisco na Audiência de 7 de março (www.clonline.org). Fomos a Roma perguntar ao Papa como não perder o frescor do carisma e o Papa nos respondeu. “*Roma locuta, causa finita est*” (Roma falou, a causa está definitivamente encerrada). A primeira questão não é acrescentar outras palavras, mas levar a sério a proposta feita e começar a vivê-la como hipótese de trabalho. Somente assim poderemos ver como as palavras que o Papa nos disse iluminam a vida. Esse trabalho também nos ajudará a nos prepararmos para os Exercícios da Fraternidade. Se alguém quiser enviar contribuições contando experiências ou fazendo perguntas que surgirem durante o trabalho e que possam servir para os Exercícios, pode enviar para sdccarron@comunioneliberazione.org, indicando no assunto “Exercícios Fraternidade”.

Cartaz de Páscoa. O texto do Cartaz de Páscoa é um trecho do discurso de 7 de março. Podia ser diferente depois daquilo que o Papa nos disse? “Tudo na nossa vida, tanto hoje como na época de Jesus, começa com um encontro. Um encontro com este Homem, o carpinteiro de Nazaré, um homem como todos e, ao mesmo tempo, diferente. Pensemos no Evangelho de João, onde ele descreve o primeiro encontro dos discípulos com Jesus (cf. 1, 35-42). André, João e Simão: eles sentiram-se fitados até ao seu íntimo, profundamente conhecidos, e isto gerou neles uma surpresa, uma admiração que, imediatamente, os levou a sentir-se ligados a Ele... Falando sobre o encontro, vem-me ao pensamento ‘A vocação de Mateus’, o quadro de Caravaggio que eu admirava prolongadamente em São Luís dos Franceses, cada vez que vinha a Roma. Nenhum daqueles que estavam ali, nem sequer Mateus, ávido de dinheiro, conseguia crer na mensagem do dedo que o indicava, na mensagem daqueles olhos que o fitavam com misericórdia e o escolhiam para o seguimento. Sentia o espanto do encontro. O lugar privilegiado do encontro é a carícia da misericórdia de Jesus Cristo (Papa Francisco)”. É um texto a ter diante dos olhos para ter uma imagem plena do maravilhamento de uma Presença. É impossível olhar o rosto de Mateus sem ver dentro dele todo o olhar do qual ele é objeto.

O Livro do mês para Abril e Maio [na Itália] será *Un’attrattiva che muove. La proposta inesauribile della vita di don Giussani*, (Bur), que recolhe intervenções de personalidades que apresentaram o livro *Vita di don Giussani*.

Que a Semana Santa que se aproxima nos coloque nesta postura: identificarmo-nos com Cristo que veio exatamente para que a nossa vida não fique em pedaços. Por isso, ajudemo-nos e peçamos isso uns para os outros. Boa Páscoa a todos!

Glória
Veni Sancte Spiritus